

MIGUEL TORGA

ENSAIOS DE FILOSOFIA E LITERATURA

Coordenação de Maria Celeste Natário e Renato Epifânio

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: in “Portal da Literatura”

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-54908-4-4

Depósito Legal: 475643/20

Primeira edição: Novembro de 2020

DOI: 10.21747/9789895490844/mig

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

MIGUEL TORGA: UMA LEITURA PEDAGÓGICA DE A CRIAÇÃO DO MUNDO

Artur Manso

O meu projecto de vida sempre fora o mesmo: cumprir-me. Ser como homem uma autenticidade tácita e como artista uma lição expressa. Nada mais. Por isso, temia igualmente a dissolução passiva no social e a integração activa nele.

Miguel Torga, *A criação do mundo*

Intróito

Aqui pretendo fazer um exercício de reflexão em torno da analogia do desenvolvimento humano ao longo dos seis dias do mito bíblico da criação tal como Miguel Torga (1907-1995) a apresenta em *A criação do mundo*, que seguirei na 2ª ed. conjunta de 1997¹. O texto dá-nos a conhecer o seu percurso existencial, pondo de parte, porque dele não constam, as referências exactas de locais e datas, ou da parte da realidade cujos nomes são alterados ou omitidos, como seja a sua terra de origem, na narrativa Agarez, e diversas personagens que condicionaram a sua vida, como acontece com os vários movimentos literários a que pertenceu e ajudou a fundar aqui brevemente referidos e sem informação sobre quem o acompanhou nessas demandas, bem como o título da publicação que terá contribuído para a sua detenção pela PIDE – o quarto dia desta *Criação* que originalmente conheceu edição em volumes separados, ou a menção ao título que deixado o presídio foi publicado e apreendido, *Os bichos*. Qualquer percurso existencial tem como ponto de partida a circunstância de cada um e desenvolve-se desde muito cedo em confronto entre o desejo individual e a imposição social, ou seja, entre a natureza e a sociedade/cultura. Neste processo os mecanismos de educação, formal e informal, têm um papel decisivo no adulto em que nos tornamos. Esta leitura de *A criação do mundo* propiciará a apreciação de Miguel Torga dos diversos estádios do seu crescimento e nesse percurso ver-se-á como a valorização do sensível se torna determinante, como o rigor ético lhe marca a acção, mas também como as determinações do tempo em que viveu destacam as relações sentimentais, nas quais ressalta a liberalidade

¹ Miguel Torga, *A criação do mundo*, edição conjunta, 2ª ed, Coimbra, Coimbra Editora, 1977.

a que o sexo masculino se permitia e lhe era socialmente aceite, em contra-
posição com uma posição passiva e de submissão do sexo feminino. Esse
homem duro como as fragas no meio das quais viveu a meninice e que vi-
sitava sempre que podia, para o final da existência amargamente conclui:

Que fizera eu da vida? Um rosário de contradições. O homem, que por
fora parecia um monólito de certeza, por dentro era uma amálgama de
dúvidas. Sedento do absoluto, só reconhecera o gosto amargo do relativo.
Profundamente religioso, nunca pudera dobrar os joelhos diante de ne-
nhum altar. Medularmente afectivo, criara, sem saber porquê, ao lado de
algumas amizades firme, um sem número de inimigos encarniçados. De
uma timidez doentia, passara o dia a compensá-la com actos violentos.
Supersticioso e inseguro a cada passo, movimentara-me no campo das
realidades como um fantasma voluntarioso (Miguel Torga, *A criação do
mundo*, p. 494).

No primeiro dia a criança veio ao mundo mas não sabia o que o mundo era

A lembrança da infância é coincidente com os tempos passados na escola
primária quando de sacola de lona a tiracolo, enfeitada com um lírio roxo,
de boina na cabeça, o pequeno Adolfo rumava à escola que tinha mimosas
à volta e na qual se entrava pela porta transversa, porque a principal dava
acesso ao salão nobre e nela eram afixados os editais de várias proveniências
e diversos destinos. Com pequenos matizes, era assim o dia a dia escolar nas
aldeias de Portugal até à revolução de abril de 1974. Dentro da sala escolar,
aglomeravam-se os alunos de todos os anos sob a batuta de um mestre, o
de Adolfo, era o senhor Botelho que na hora do ditado se colocava junto
à secretária, com o livro na mão esquerda, e a indispensável cana da Índia
na direita, para quando algum aluno tentasse copiar pelo vizinho, entrar
em acção que se prolongava na correcção, a que se juntavam palmatoadas,
puxões de orelhas num ritual de choradeira que acompanhava tamanho mar-
tírio e que se repetia em outros exercícios efectuados no papel e no quadro
enegrecido. De este rosário de maus tratos, de que as maiores vítimas eram
aqueles que não se mostravam disponíveis para aprender, nem tão pouco,
os professores tinham qualquer interesse em ensinar, não deixava de haver
momentos alegres e felizes, como a festa da árvore:

a quarta [classe] é que abria a cova, apurava o caule lá dentro, e o estru-
mava, estacava e regava [...]. A miunçalha das outras classes engrossava
apenas o cortejo, esganiçava-se a cantar, e mais nada. [...] chegara final-

mente a nossa vez. E ouvíamos a preleção patriótica com ar compenetrado. Íamos ser em breve os obreiros do futuro, a esperança em marcha, os homens de amanhã. Tudo no acto simples de aconchegar uma raiz à terra... (ib., pp. 14-15).

Interstícios solares de um tempo sombrio como aquele que a frequência da escola representava, pois como refere de seguida, acabado o tempo festivo, tudo voltava ao mesmo:

ao inferno dos verbos irregulares, das conjunções subordinativas, dos quebrados e das reduções. Mas no dia de festa foi realmente bonito. O sol parecia rir-se no céu, o discurso do mestre arrancou lágrimas à assistência, e o olmo que plantámos, a ouvir palmas e foguetes, lá está no largo do povo, alto e frondoso como o sonhámos então (ib., p. 15)

Na verdade, Adolfo não era dos mais fustigados pela fúria do mestre. A escola portuguesa até praticamente ao último quartel do século vinte era local odiado por quase toda a garotada, por ser lugar de sevícias a quem pouca apetência mostrava para o estudo, continuando os professores a educar na reprodução do método que os tinha formado: com azedume, violência, maus tratos, achincalhamento do modo de ser de cada um. E quando os alunos provinham do povo analfabeto, que era a esmagadora maioria dos habitantes das aldeias e vilas do interior, a dureza do método tendia a agravar-se. Os cognitivamente mais dotados, devido à facilidade com que aprendiam, tinham os castigos suavizados, mas não eliminados, pois para castigar, se não houvesse motivo, haveria de se arranjar. O pequeno Adolfo, aprendia na escola o que não podia aprender só por si, mas ao lado da escola, fazia da vida educadora por excelência:

Rival do senhor Botelho, e sem recorrer a métodos iguais aos dele, a vida dava-nos também as suas lições quotidianas, numa largueza pedagógica que ia da *Encomendação das Almas*, na Quaresma, ao coro da *Maria Cavaca*, na cava das vinhas [...]. A *Encomendação* trespassava-me por dentro. A desoras, quando o corpo ia a cair no sono, irrompia do cruzeiro um canto soturno, que escurecia mais o quarto

*Homem. Olha que és terra!
Lembra-te que hás-de morrer!
Que hás-de dar ua estricta conta a Deus
Do teu bom e mau viver!*

(ib., p. 15).

Palavras duras repetidas à exaustão por uma religião arreigada ao sentimento popular que pelo temor e tremor ia mantendo os existentes na via da crença em que as crianças participavam, acreditando os adultos, na sua ingenuidade, nada perceberem de tais significados. Basta lembrar os rituais da semana santa por este Portugal fora: imagens religiosas de santos e santas desoladas, Cristos perfurados de lado a lado, a escorrer sangue da cabeça aos pés, trajes de uma negritude imensa a cobrir os corpos das imagens mortas e das figuras vivas. E o Adolfo, como a restante miudagem assistia a esta terrífica encenação:

Aninhado na cama, sentia um arrepio a ouvir cada advertência terrível. Aquelas palavras anónimas, fúnebres, regeladas, que pareciam vir do outro mundo, entravam-me na consciência como punhais. Avivavam nela a imagem dolorosa da primeira noite da minha vida (ib., p. 15).

Mas se estas vivências o confrontavam com as forças obscuras da existência, outras havia, associadas quase sempre ao calendário agrícola, que se revestiam de regozijo, alegria e boa disposição. Era uma forma de dar graças por aquilo que o campo propiciava e de como o espírito comunitário era fortalecido na execução destas tarefas quase sempre de torna jeira. Neste apartado, cada povo tinha as suas tradições, como era o caso da comunidade do pequeno Adolfo de que lembra com saudade o coro da *Maria Cavaca*, desencadeando oralmente nos grupos de trabalhadores que se juntavam para uma determinada tarefa, vindimas, segada, apanhas... diálogos sensuais e sexuais num encadeado de escárnio e mal dizer envolvendo mulheres de comportamento entendido como lascivo. A estes resquícios dos cultos agrários perdidos no tempo, juntava a aprendizagem dos jogos populares, os rituais das festas como o natal, entrudo e páscoa, nas quais costumava ler para o povo os respectivos acontecimentos bíblicos, guardando, também, recordações indelévels, do dia da sua primeira comunhão:

No meio da capela apinhada de gente, subi acima dum mocho, e encomendei a miséria humana à misericórdia divina. Escolheram-me para falar por todos, e tomei o papel a sério. A multidão derramada em lágrimas, e eu, seco como as palhas, a clamar: - Jesus, meu Salvador, compadece-te da nossa pobre condição de mortais. Dá-nos a força necessária para resistirmos às tentações, afim de que no terrível dia do Juízo Final possamos enfrentar de rosto descoberto o resplendor da tua majestade onipotente [...]. Nervoso e inseguro a princípio, há medida que ia pronunciando o

sermão decorado, sentia crescer em mim uma calma estranha, feita de não sabia que confiança na força das minhas palavras. Tinha a impressão de que falava realmente com Deus, e de que ele me ouvia, obrigado pela convicção que eu punha no que lhe dizia, meio penitente, meio ressabiado (ib., p. 19).

Quando confronta as brigas quase diárias entre os grupos antagônicos que as comunidades mesmo que pequenas alimentam no seu interior, recorda essas vivências, as ligadas ao sagrado e aquelas que se prendem com o profano, por todas elas contribuírem de igual maneira para o seu crescimento, mesmo que acabe por reconhecer que o sucesso obtido na aprendizagem escolar acaba por ser mais determinante na modelação do futuro de cada um. A aprendizagem escolar tinha o seu apogeu nos exames oficiais, cuja experiência em meio rural era consentida a um número reduzido que lá ia como que a uma festa, de fato e calçado novo e com todo o programa na ponta da língua. No seu caso, menino dotado para as lides escolares, depois de realizar com sucesso os exames que orgulharam o professor e lhe auguravam bom futuro, foi seu pai alertado para fazer um esforço financeiro que lhe permitisse continuar a tarefa no liceu da Vila. Mas a vila, sendo já ali, estava a uma distância inalcançável. As crianças de famílias sem posses materiais, viam o seu futuro abruptamente tolhido, pois, mostrando capacidade intelectual, privadas de recursos nada podiam e o Estado pouco se importava com o seu futuro, mesmo que todos os pais gostassem de as ver como professores, médicos, advogados ou engenheiros. Durante décadas, para os excluídos do ensino mesmo que aptos para aí continuarem, restava apenas o seminário para prosseguir estudos, ainda que limitados à natureza e finalidade do seu ensino, o que no seu caso, não agradava ao professor Botelho:

Padre! País desgraçado, o nosso! Os melhores alunos que lhe passavam pelas mãos, ou ficavam ali amarrados à terra, a embrutecer, ou eram arrebanhados pela Santa Madre Igreja. Não! Tudo, menos papa-hóstias. Então antes o Brasil (ib., p. 33).

Ambas as opções, sequencialmente, não-de acabar por se concretizar, mas antes, rumaria, ainda criança, à cidade do Porto com a promessa de ser faxina num escritório, acabando, contudo, como serviçal em casa de gente abastada. Como longamente refere, essa estada, ainda que dolorosa, provocou-lhe mais um excelente tempo de aprendizagem ao permitir-lhe observar a rotina da

cidade, tornando-o mais atento às desigualdades sociais e diferenças de oportunidade entre pobres e ricos onde a capacidade intelectual pouco contava ante a posição social. As crianças da sua proveniência começavam a servir e buscavam um emprego, no tempo certo, no comércio, nos serviços, ou na aprendizagem de uma profissão. Alguns retornariam aos estudos com o estatuto de trabalhador-estudante e acabariam por desempenhar profissões qualificadas. Outros ingressavam nos seminários como trampolim para a aquisição de uma formação escolar alargada o mais possível e não tanto para a ordenação sacerdotal. Aqui e ali, um ou outro, com o apoio financeiro de algum parente rico, como foi o caso, rompia o determinismo forçado pelas elites, invertendo a convencionada *ordem natural das coisas*. Após o fim atribulado dessa estada e um feliz encontro com o prior, ruma, então, ao seminário de Lamego que lhe causou uma enorme desilusão, amenizada com a intensa e agradável sensação que colhia em toda a natureza que ia contemplando desde a aldeia até Lamego. No Seminário foi bom aluno e, mesmo que ainda criança, quando regressava ao torrão natal, diz-nos já ser tratado como um “senhor”. Enquanto seminarista confrontou-se pela primeira vez com sentimentos sensuais e luxuriantes, tendo a posição da Igreja que tratava quase toda a sexualidade como pecado, provocado nele um confronto interior que o ajudou, no final das férias, a abandonar os estudos, decisão que desagradou seu pai, a quem não restou outra alternativa senão fazê-lo chegar ao Brasil, que na altura do embarque provocou no jovem Adolfo uma sensação estranha, de desamparo e abandono, pois deixar o seu país mesmo com a promessa de um futuro promissor, não era algo que o entusiasmasse, mas ao seminário é que não voltaria:

no íntimo, não acreditava em nada daquilo. Nem já na própria missa conseguia ver a significação que sabia que ela tinha. Sem dar conta disso, perdera a fé (ib., p. 58).

No segundo dia a criança perde a inocência e observa a vida do adulto que irá ser

Adolfo, ainda criança, sujeito à circunstância do nascimento que o prendia a uma vida pobre, falhada por escolha própria uma formação escolar no seminário, tentará em país diferente, mas extensão do seu, uma nova vida ao cuidado de um tio que há muito tinha deixado o país de nascimento e em terras de Vera Cruz, era materialmente bem sucedido. A criança que ainda era alimentava uma imaginação ávida que começou a vagar logo

à chegada ao Rio de Janeiro pela beleza de Copacabana, Botafogo, Niterói, Igreja da Candelária... partes de cenário idílico numa cidade ruidosa, sensação alargada, em contraste, na viagem para a fazenda do tio, cujas serras, rios e florestas, não lhe cabiam dentro do olhar. A chegada à casa da família, ao deparar-se com a taciturna figura da tia, ligada a credences de diversas latitudes, ao além e aos diálogos que prosseguia com as almas atormentadas, amputou-lhe esse belo cenário. Entre as várias tarefas que lhe foram atribuídas, lembra os fins de dia em que ia buscar o correio e a seguir proceder à escrita da fazenda, o que mostra o valor da educação escolar em terra de analfabetos como era Portugal e o Brasil, tarefas que não o cativavam, mas não diminuía a sua sensibilidade e curiosidade ante as maravilhas naturais desse extenso e fascinante território:

Só longe do terreiro, a laçar um cavalo indomável, a ver lutar os toiros, ou a colaborar numa ferra tinha a sensação de respirar limpa e livremente a vida. A vida plena, franca, escancarada, que até o Lorde, o porco reprodutor, menos espetacular do que o Pavão, fruía diariamente [...]. Excitava os sentidos que, no fim de cada dia de trabalho intenso, pareciam ainda mais alvoroçados (ib., p. 78).

Agora no jovem Adolfo para lá do sol que consumia a sua pele, começava a despertar o desejo sexual que em breve haveria de consumir. O amor que procurava tendia a escapar-lhe longe da família que o criou e ante uma tia que o desprezava e um tio que pouca atenção lhe dispensava, continuava “sequioso de ternura, sem a receber, comido de desejos, sem os satisfazer, moído de trabalho, sem uma palavra de aplauso”. A prometida vida promissora parecia-lhe uma miragem e outras aventuras só lhe eram consentidas pela imaginação. Depois de quatro anos a servir na fazenda, o tio que sabia do seu desejo de estudar e que lhe reconhecia as capacidades que se estavam a atrofiar num serviço menor, proporcionou-lhe a frequência do ensino secundário no Ginásio Ribeirense. Da entrada, primeiro como aluno externo diz-nos:

No Ginásio fui interrogado pelo professor Moraes. Não sabia nada de nada, esquecido de tudo. Pior do que um aluno da quarta classe. O ano escolar já tinha começado, de mais a mais. Mas tal interesse mostrei, que, sob palavra de honra de estudar a valer, deixou-me ficar no primeiro ano (ib., p. 95).

Andava pelos 16 anos e o ensino secundário, lá como cá, só era acessível a uma franja da população que tinha rendimentos para sustentar os jovens estudantes. Aí conheceu a paixão materializada na jovem Lia, sentimento este, diz-nos, completamente distinto da já alargada experiência íntima com outras mulheres no contexto da fazenda. Foi um aluno excelente em Geografia e voraz leitor de tudo o que lhe chegava à mão, decorando as biografias dos autores das colectâneas escolares e desenvolvendo um interesse maior por Silva Jardim apenas porque “morrera dentro de um vulcão”. À semelhança de outros jovens da sua idade, desanimou nos estudos quando a relação amorosa com Lia findou, coincidente com a altura em que o destino lhe proporcionou a possibilidade de continuar em Ribeirão, ou regressar com a família a Portugal, pretendendo o seu tio honrar o compromisso de lhe garantir os estudos até ao final da formação universitária. O torrão da terra chamou mais alto, mesmo que os seus sentidos continuassem inebriados pela beleza luxuriante do Brasil. Da frequência do Ginásio em Ribeirão, recorda com admiração, entre a frieza de todos os professores, o padre Júlio:

Todos o adoravam. Que soubéssemos nem missa rezava. Era o homem bom e santo que admirávamos nele, e não o colega dos muitos funcionários da fé que conhecíamos. O que nunca falava no céu nem no inferno, que raras vezes nomeava Deus, mas que irradiava bondade, simpatia e confiança. Cada geração que vinha frequentar o Ginásio herdava da anterior o respeito por aquele velho, que passava na rua e deixava atrás de si um rasto de santidade encarnada (ib., p. 113).

O regresso a Portugal afastá-lo-ia dos locais em que viveu uma juventude atribulada. Aquela terra era apenas um quadro impresso nos seus sentidos onde cada recanto de beleza amainava a revolta das circunstâncias do dia a dia. E para sempre esse contraste entre a beleza natural e o desconforto que o desprezo da tia lhe causava, ponderada a beleza dos campos com a maldade dos homens, contrastando o seu querer com o pouco poder afirma:

À medida que avançávamos em direcção ao Rio, ia tendo consciência exacta do pouco que significava toda aquela gente para mim. Salvo o meu tio, a nenhuma criara afecto verdadeiro [...]. Enquanto durou o cativo da fazenda, nunca houve entre nós nada que se pudesse confundir com amizade; contudo, que remédio senão considerá-los parentes! Depois, no Ginásio também senti a necessidade de manter viva socialmente a palavra família (a família da Morro Velho) e mantive-a. Mas agora, olhava-os

como estranhos, vagamente encontrados na escuridão duma outra vida (ib., p. 119).

No terceiro dia o jovem que a vida educou, regressa à escola do conhecimento

Quem retorna agora ao País que nunca lhe saiu do coração já não é o “ingénuo rapazinho” que chegou espantado e desesperado, esse entretanto perecera dando lugar a outro que cresceu exterior e interiormente, nada agora receando ou temendo. A dura experiência de vida, agravada no campo dos afectos, tornou-o num ser de sensibilidade refinada e de carácter rijo, à imagem das fragas que povoaram a sua infância e nas quais continua a repousar o corpo para descansar de tamanhos esforços. A comunhão com o absoluto ganhou agora outro significado tal como expressa na emoção do compasso pascal, numa espécie de reencontro com o Deus de que se tinha afastado:

Das trevas do meu próprio espírito ressuscitava um Cristo redentor que humanizava a morte e sacralizava a vida. Um Cristo que, afinal, eu nunca traíra, apesar de muitas vezes o haver negado (ib., p. 137).

O ideal do absoluto e o real do quotidiano iam-no marcando de forma diversa pois quando foi a Coimbra para tratar do prosseguimento dos estudos, como tinha aprazado com o tio, acabou por ficar com uma fria impressão da cidade, acompanhando, aliás, o dia tempestuoso da chegada. Adolfo continuava receoso sempre que se preparava para alterar o seu quotidiano, mas esse temor dissipou-se logo de seguida, quando começou a ligar os locais que ia pisando às narrativas da história de Portugal:

A impressão desolada e negra da chegada fora varrida pela realidade e pela tradição. Cada recanto, além da poesia própria, tinha a história a redoirar-lhe os musgos. As algas da Fonte dos Amores pareciam realmente o sangue vertido de Inês de Castro; as águas estagnadas de Santa Clara-a-Velha reflectiam a imagem maternal e torturada da esposa do Rei Trovador; no palácio de Sub-Ripas ouviam-se ainda os gritos de Maria Teles [...]. A literatura e a lenda envolviam a natureza e os monumentos dum alo transfigurador (ib., p. 141).

Aturdido na meninice e *escravizado* na adolescência,

só agora podia renascer ao pé de cada rebento, correr a par de cada ribeiro, voar ao lado de cada ave. Às vezes sentia apenas a volúpia dum arrepio. Uma espécie de estremecimento alarmado da carne. Mas ficava de tal modo inquieto a partir desses momentos, que o recurso era atirar-me inteiro ao abismo sensual (ib., p. 147).

Retorna, então, à escola do conhecimento, ao liceu, onde assiste à proclamação da sabedoria pela boca de mestres impessoais, tão comuns quanto o conhecimento que demonstravam ao arrepio da vida e do quotidiano. Mestres como quase todos, sem grandes qualidades pedagógicas e pouco conhecimento para além da sua especialidade. Transmissores de conhecimento feito sem responder às interrogações, servindo o sistema como peças de uma cadeia de produção. Neste clima o jovem Adolfo deixou de ter qualquer afinidade com o saber, ligando-o a ele apenas o sentido prático e a necessidade de em tempo útil realizar uma formação que lhe garantisse o sustento, já entrevendo que:

só na arte de Hipócrates poderia encontrar ao mesmo tempo uma profissão e um caminho humano paralelo ao que, sem diplomas de nenhuma espécie, tencionava seguir. Serviria dois amos, dando a ambos o mesmo devotamento e a mesma fidelidade. Dos honrados serviços prestados a um, tiraria o pão da boca; do inquebrantável esforço dado ao outro, nada receberia. Era uma pura emulação (ib., p. 158).

O seu espírito acabaria por se afirmar na escola, fora da escola e contra a escola. Quando completou o ciclo de formação, após o ritual da formatura em que ficavam totalmente nus, apenas cobertos pela capa, regressado a casa e olhando-se em todo o despojamento, quando deveria estar aliviado e feliz pelo sucesso alcançado, voltará a ser assombrado pela nova vida que se anunciava. Este sentimento de ansiedade agravada ante o futuro da tarefa para que se tinha preparado, nunca o deixou, como nunca o viria a abandonar o contraste entre o exercício aborrecido da profissão e a necessidade permanente da criação e contemplação, como se pode conferir na longa descrição que faz do início da prática médica e do entrelaçado estabelecido com a produção poética, onde a vontade de ver terminada a semana de trabalho para rumar a Coimbra, ir ao cinema, às livrarias, consultar as revistas, viver a cultura, lhe surge como um imperativo. Enquanto funcionário altamente especializado e necessário às populações sabia que ganhar o pão de cada dia, com o carácter que demonstrava, no meio de gente sem

recursos materiais que lhes permitissem pagar os seus serviços, não era tarefa fácil, tanto mais que:

O Diário do Governo e o Boletim Diocesano não nomeavam funcionários públicos e pastores de almas. Proclamavam onipotências. E ai daquele que se recusasse a reconhecer-lhes a soberania! Do pé para a mão, acordava, como eu iria acordar em breve, com um círculo de maldição à volta (ib., p. 199).

Não se mostrava simples a sua vida, nem por um sustento garantido, nem por um trabalho poético reconhecido. A impaciência que caracterizava as suas ambições refreava-lhe o ânimo no reconhecimento de que em si moravam vários *eus* de difícil conciliação, querendo o homem “foros de cidadão, o artista liberdade criadora, o médico dignidade profissional” sem nenhum receber a sua parte, como fica mais claro quando faz o balanço dos objectivos da revista literária que fundou, *Trajecto*:

queria uma arte enraizada no social, se em verdade havia alguma que o não estivesse. Exigia, no entanto, que nenhuma realidade, por mais premente, esmagasse o artista e o privasse da liberdade criadora. Individualista impenitente, opunha-me ao cantochão colectivo, à negação do variado e do múltiplo (ib., p. 220)

No quarto dia, o homem em que Adolfo se tornou encontra a beleza universal

Chegou o tempo em que Adolfo, homem já feito presta homenagem aos que o ajudaram a fazer-se, entre eles, Lorca, Unamuno esse “místico sem Deus” a quem vai buscar o humano Miguel do pseudónimo a que junta a natural e variada, frágil e multicolor Torga dos campos em que passou a meninice, santa Teresa “personalidade ingénua e subtil, maternal e combativa”. O decurso da vida, com trabalhos e penas, ia-lhe proporcionando as oportunidades de combater a pequenez em que fora criado, o mundo mesquinho, enclausurado nas fronteiras de Portugal e nas terras do Brasil. A beleza natural enchia-lhe os sentidos e a criação literária alimentava-lhe a imaginação. Em breve, numa viagem a Itália e outros lugares, tomará contacto com a Excelência que resiste ao tempo nos objectos cuja matéria tem origem na natureza, mas cuja forma se deve à extraordinária capacidade de uns seres predestinados que transformam a realidade dada em uma outra trabalhada, de formas e proporções espantosas:

O mundo que trazia nos sentidos e no entendimento parecia-me bárbaro, ao lado de tanta sensibilidade, de tanta finura, de tanto requinte. Revelado na pedra, na tela, no bronze ou na simples maneira de ser, tinha diante de mim um universo humano singular, aberto a todas as aventuras e capaz de todas as realizações. Agora sim, ficava a conhecer em que terra e debaixo de que céu morava a imaginação criadora, a subtileza do espírito, a graça de viver (ib., pp. 255-256).

Portugal e os portugueses, na pequenez do espaço que era o seu e na imensidão daquele de que se apropriaram, tinham-lhe dado a medida do homem resistente e a beleza infinita daquilo que o rodeia. Agora, em outros países deparava-se com as capacidades de uns tantos abençoados com o dom da criação, que retirando matéria à matéria, propiciaram de forma sublime a comunhão dos espíritos e a exaltação dos sentidos. O seu amor ao País em que foi criado em situações materialmente pouco favoráveis é inquestionável como se vê na satisfação manifestada quando deixou o Brasil em contraste com a tristeza esboçada quando para lá foi. Quando andou por Paris e França, a sua imagem do pequeno Portugal também não foi alterada, deixando-lhe aliás um banal sentimento, mesmo que em nenhum outro local tivesse encontrado:

a vida tão viva, tão pulsátil, tão rica de ambições, renúncia, sonho, bizarria, pureza e degradação. A liberdade atingira ali os limites do possível. Todos os desmandos eram legítimos dentro da ordem, todos os absurdos consentidos à luz da razão. Do lado da arte pouco recebera. O deslumbramento da Itália durava ainda. Nos museus alargara apenas a lição já sabida. Apesar do entusiasmo comunicativo do Professor Freire, Rodin convencera-me pouco, e aos *Escravos* acabados do Louvre, preferia os inacabados de Florença, eternamente a lutar contra as trevas do informe. E também não morrera de amores pela retórica de muitos dos monumentos cívicos que a povoavam, o Arco do Triunfo – a recordar-me as invasões napoleónicas – à cabeça do rol. Mas ficara rendido ao seu estilo de convívio humano, impensável num mundo que se codificava sem imaginação, ou anarquizava sem disciplina (ib., p. 303).

Queria portanto que a sua rebeldia e inconformismo, ajudasse a modificar a mentalidade tacanha do português tradicional que a tudo se conforma e tudo aceita das autoridades que lhe guiam a existência. No perturbante fascínio que lhe causou a estética e a arte italiana encontrou o ideal de equilíbrio que tentará transportar para a organização social do seu amado Portugal.

Era a hesitação, o receio ante o risco da mudança, que o traziam sempre de volta a Portugal. Mesmo que inseguro quanto ao futuro, se tivesse escolhido ficar em Paris acredita que se teria juntado:

a outros poetas que cantavam e combatiam nas trincheiras de Madrid. A Spender, a Machado, a Hernández, a Alberti. Se morresse, morreria dignamente, a bater-me por um ideal; se sobrevivesse, teria pela existência fora a paz do dever cumprido (ib., p. 304).

No quinto dia o cidadão Miguel Torga abraça a sua Pátria

Miguel Torga sofreu no seu Portugal, contristou-se no Brasil, reconfortou-se por essa Europa fora, de um modo muito especial na arte italiana e agora, poeta já feito e escritor de mérito, com mais ou menos leitores, mas essa condição num país pequeno que nessa altura tinha um grande número de analfabetos não era relevante. As contrariedades da vida na passagem do tempo levam-no agora a afirmar:

Começava a olhar a passada juventude com olhos abertos. Nem tudo fora limpo nas suas intenções. Descobria agora o que havia de cálculo dissimulado naquelas verduras [...] uma certa suficiência, um certo narcisismo, uma certa agressividade gratuita. Pois bem: tudo isso acabaria de vez. A certeza daria lugar à dúvida, o espalhafato à sobriedade, o impressionismo à opinião fundamentada, a contestação por fora à subversão por dentro (ib., p. 312).

A sua natureza problemática, a dificuldade de concordância levava-o para conflitos que muitas vezes não desejava. A força do destino orientava-lhe a marcha e não o deixava tranquilizar o pensamento, tendo aprendido com o pai que nas “representações dos grandes deste mundo há sempre um pequeno a puxar a cortina do palco” e esta meditação torna-se fundamental no longo relato da sua experiência no presídio do Aljube por ordem da PIDE por terem deduzido da publicação de um livro por si assinado que no seu conhecido marxismo, poderia abrigar um grupo maior. Ao longo desse tempo de cárcere acaba por se aperceber que a luta pela liberdade de pensamento quando põe em causa a ideologia dominante se torna incómoda não só para os políticos, mas também para aqueles que considerava como amigos, cuja afronta à ordem estabelecida, os afastou do seu convívio. Perseguido pelo poder e abandonado pelos mais próximos, é novamente na reflexão sobre as figuras maiores de Portugal que encontra a razão para a sua acção:

Só depois de pisar o chão e Aljubarrota é que pude admirar plenamente o génio tático do Condestável, que o senhor Botelho tantas vezes exaltara na escola. Em Alcobaça, a soletrar latim, encontrava o universo ecuménico da religião; na Batalha, a ler português, descobria a dimensão íntima da pátria. Cada convento, cada castelo, cada alpendre, dava-me resposta a perguntas que há muito fazia em vão (ib., p. 329).

No sexto dia Torga deseja que o povo português cumpra a sua finalidade ecuménica

Agora que a idade já lhe reclamava uma ponderação maior sobre os motivos das decisões tomadas pelos seus progenitores, as quais lhe pareciam, na altura, despropositadas, aparecem-lhe já homem feito, na meditação de um indivíduo sábio:

Cada vez mais sensível à pulsação natural da vida, observava os Velhos (os pais) cheio de curiosidade e respeito. Passara o tempo em que, levemente, os julgava sem qualquer indulgência, só atento aos defeitos, que via com vidros de aumento: a tacanhez de espírito, a cegueira das paixões, a caturrice rotineira. Esquecido das minhas próprias limitações, acusara-os muitas vezes impiedosamente (ib., p. 412).

Mas os pais tudo suportam e tudo perdoam e quando pelos filhos vivem vidas árduas de trabalhos e canseiras sem mudar a finalidade dos seus propósitos então, quando nada pedem em troca, o reconhecimento por tantas afrontas, ainda se torna mais notório. No caso de Torga, o exemplo de vida maior, a medida do homem tal como o concebia, ia buscá-lo ao pai de quem admite ter herdado o carácter:

Intimamente continuaria o mesmo homem de sempre, mortificado, agónico, atormentado por mil dúvidas e contradições; por fora, cumpriria as regras do jogo. Eram elas, no fundo, que importavam. São os actos, os gestos, os comportamentos que actuam sobre a realidade [...]. E respeitava essas regras até onde podia. Apenas as ignorava quando estava em causa a minha liberdade profunda. Então, pisava todos os riscos. Apesar do aviso solene que recebera à saída da cadeia – Não volte cá... –, nem um ano decorrerá e já novo livro meu era apreendido (ib., p. 418).

Seu pai representava o povo de parca instrução mas de grande dignidade, que olhava para as coisas na sua simplicidade e assumia, por dedicação à família e respeito pela tradição todos os sacrifícios impostos, merecidos ou não,

pouco dado a conversações, a matutar egoisticamente nos seus problemas que eram iguais aos de quase todos, preferindo antes quebrar do que torcer. Mesmo com a tradição animada das romarias, o homem português, tem um sentimento trágico da existência, linha na qual Torga também se insere:

Desde menino que tinha da vida um sentido agónico, cada dia, cada hora, cada minuto à espera da morte. Mil razões, até de natureza fisiológica, justificavam esse sentimento quotidiano. Mas diante das grandes ruínas é que via claramente como eram vãos os sonhos de qualquer perenidade. Apesar de tudo, tirava da peregrinação um ensinamento: embora precária, só a arte valia realmente a pena. As instituições passavam, os impérios ruíam, e apenas ela durava, senão no seu esplendor original, ao menos amparada, remendada, copiada pela devoção dos homens. Se uma geração a esquecia, maltratava ou desprezava, logo outra lhe acudia com fervor redobrado (ib., p. 437).

A idade adulta dava-lhe a tranquilidade de raciocínio que a juventude não lhe tinha permitido e nesta luta entre o individual e o social, o agora ponderado Torga

Continuava cada vez mais convencido de que o homem, embora condenado a um destino social, começava por ser um indivíduo. Dizia-mo o entendimento e mostrava-mo diariamente a prática médica [...]. Nascia-se sozinho, sofria-se sozinho, morria-se sozinho, por muito amor e solidariedade que houvesse no mundo. Que havia, felizmente, apesar de tudo (ib., p. 471).

Entre a riqueza do mundo e a situação do seu Portugal alarga, aqui, a sua reflexão à relação Portugal e Angola, no sentido de compreender a largueza do império pela parte africana, mas tendo na imagem um Brasil que já conhecia algum desenvolvimento, fica desiludido com o atraso económico dos africanos e o estado inferior a que o colonizador branco os tinha votado, sem educação e sem direito sequer a governar a sua própria terra:

Que escolas havia na metrópole a ensinar ao mundo uma antropologia abissal dos povos – negros, islâmicos, judaicos – que o destino nos dera por companheiros na via sacra da história? Onde estava uma literatura digna de tal nome que fosse a cristalização deslumbrada desses encontros cruciais de raças e sangues? Até os próprios missionários, apesar de serem os últimos portadores do testemunho quinhentista, se enganavam

a si mesmos quando, no seu optimismo apostólico, faziam tábua rasa da potencialidade irredutível da consciência autóctone, sobrepondo candidamente a um sagrado natural identificador, um sobrenatural alienador (ib., p. 489).

Este atraso era culpa da metrópole e isso desagradava-o. O território incluiu durante séculos as colónias e não havia razão para estas não terem pelo menos acompanhado o desenvolvimento da capital. Mas nem tudo era mau e, do conjunto de impressões que retinha dos países africanos agora independentes, encontrou em Moçambique um:

baluarte de fraternidade respondia pelo futuro ecuménico de Portugal. Quem um dia realizara sobre um banco de corais semelhante obra prima de convívio étnico, tinha por força de prosseguir. Não podia condenar-se a uma solidão enconchada. Contra todas as vicissitudes continuaríamos cidadãos do mundo. Mas depois de que derrocada, de que expiação, de que exílio? (ib., p. 490).

A grandeza de Portugal já se tinha esvaído há muito e não valia a pena viver na saudade dos tempos idos, pois era necessário preparar o futuro:

Tínhamos arredondado a Terra os olhos medievais. Tínhamos levado a palavra evangélica aos confins do paganismo, tínhamos misturado fraternalmente o sangue humano. Pena, realmente, que não estivéssemos hoje à altura desse passado glorioso, nem sequer em consciência [...] algum dia voltaríamos a sabê-lo com orgulho. E talvez que então voltássemos também a ser heróis e a cometer façanhas... (ib., p. 490).

A educação recebida, o gosto por Portugal e a reflexão sobre o lugar deste no mundo, criara-lhe a ideia de que a função do seu pequeno país era a de unir indistintamente, todos os lugares com que já foi uno, ou seja, o espaço lusófono e também ibérico e por isso enaltece a liberdade garantida no 25 de abril de 1974, lamentando que logo a seguir se tenha voltado à mesma perseguição, agora, das facções opostas:

as prisões encheram-se de novo, as ambições recalçadas vieram à tona, os lugares pingues foram assaltados, a mediocridade instalou-se, uma má consciência de efeitos retroactivos começou a roer-nos. Numa precipitação de culpados, pusemos fim a guerra sem condições e iniciámos uma descolonização insensata. Nenhum dos legítimos interesses da nação foi

acautelado. As populações ultramarinas desamparadas, num movimento instintivo de pânico, atravancaram a pequena casa lusitana (ib., pp. 496-497).

Nestes tempos tormentosos, nestas horas difíceis para os habitantes do seu país, nenhum egoísmo era permitido e vencendo a congénita timidez, ante os gritos demagógicos e a irracionalidade da revolução, foi como tantos outros portugueses atormentados, lutar pela liberdade, pois de opressão já tinha tido o gosto amargo de um bom pedaço. Se a liberdade conquistada fosse mal direcionada depressa deviria em tirania de sinal contrário, impondo-se evitar que qualquer assomo de totalitarismo pudesse começar a ganhar forma:

Sabia que mais que um aglutinado de conjunturas contraditórias golpes e contragolpes militares, governos ineptos, parlamentarismo desastrado e desajeitado à realidade portuguesa – a revolução desencadeara uma convulsão irreversível, não no tempo curto, mas no tempo longo da nacionalidade. O fim da guerra colonial; o retraimento da dimensão da pátria ao espaço ibérico; a destruição dos fundamentos do capitalismo monopolista e fundiário; a subversão da estrutura social; a abertura das mentalidades a valores novos; a consagração tácita da democracia; o cooperativismo, a liberalização dos costumes – eram factos irrevogáveis e positivos (ib., p. 497-498).

Epílogo

Como é patente ao longo do texto tal como em todos os escritos autorreflexivos por si assinados, deparamos com um Miguel Torga teoricamente exigente, mas pouco dado à acção, receoso de qualquer escolha que altere profundamente o desenrolar da sua existência, mantendo vivo um profundo sentimento da luta de classes ante a sujeição a que os pobres são injustamente votados. O iberismo e a lusofonia, foram em si preocupações constantes, terminando a reflexão sobre os dias da criação com uma meditação sobre a liberdade que foi aquilo que o moveu toda a vida: quanto à liberdade individual é notório que nunca foi para si um problema, soube sempre o caminho a seguir e não se poupou a esforços para a conseguir; a liberdade social e política foi-lhe coartada no longo período da existência que passou sob a vigência do Estado Novo, tendo sido detido pela PIDE por a sua escrita, aos olhos do poder, ter um pendor marxista. Andou por vários sítios sem nunca ter verdadeiramente deixado Portugal que não o tratou bem na vigência da

ditadura e via agora a liberdade social e política, com o decurso do processo revolucionário em curso após o 25 de Abril de 1974, de novo ameaçada por uma conjuntura que tendia para um totalitarismo de sinal contrário ao que tinha vivido. Amante da liberdade, da igualdade e da fraternidade, depressa percebe, porque a história assim o demonstrava, que após uma revolução, aqueles que triunfam não são condescendentes para quem se lhe opõe e para si já chegava de lutas fratricidas. Os portugueses mereciam uma democracia em que a vontade de todos fosse tida em consideração na hora de governar, sendo necessária serenidade nas escolhas e um efectivo acompanhamento dos povos irmãos que agora começavam a caminhar autonomamente sem nunca lhes terem sido disponibilizados os meios para a autodeterminação. A exaltação inicial na revolução depressa voltou a gerar desconfiança na natureza humana pois a acção política não se coaduna com o desejo de que todas as coisas se distingam pela bondade, beleza e justiça e os sistemas de educação oficiais pouco ou quase nada tinham feito para que assim pudesse ser. Apesar de uma vida recheada de percalços agravados em longos períodos pelas decisões políticas, o seu amor a Portugal manteve-se sempre inalterado como é realçado quando recusou fixar-se em Paris:

se nasci para dizer alguma coisa, é lá, e apenas lá [em Portugal], que poderei encontrar a minha voz. E conquistar ao mesmo tempo uma liberdade sem remorsos (ib., p. 302).